



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM POLÍTICAS PÚBLICAS
III JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS
QUESTÃO SOCIAL E DESENVOLVIMENTO NO SÉCULO XXI



FESTAS RELIGIOSAS POPULARES: versão preliminar

Sergio Figueiredo Ferretti*

RESUMO

Propomos analisar festas religiosas populares documentadas no passado, no Brasil e no Maranhão verificando como estas atividades culturais foram interpretadas pelas autoridades. Desde os escritos clássicos de Durkheim religião e festas são considerados intimamente relacionadas. Existe vasta bibliografia sobre festas que se situa no campo da análise dos rituais. Autoridades religiosas e governamentais sempre se preocuparam com a regulamentação das festas religiosas e populares situadas no campo das relações entre estado e cultura. No Brasil e no Maranhão sempre foram realizadas na perspectiva da civilização barroca, que até hoje caracteriza nossas festas religiosas e populares.

Palavras-Chave: Festas – Estado – Religião – Brasil – Maranhão

ABSTRACT

Our objective is analyse Popular Religions Festivals (Brazil-Maranhão) registered in the past and verify how cultural activities were understood by authorities. Since Durkheim classical studies, religion and parties are considered inwardly connected. There are an extensive bibliography about festivals, presented in the rituals analyses field. Regulation of Popular Religion Festivals always was a concern from governmentals and religion authorities, situated in field relations between State and Culture. These Brazilian Festivals, especially in Maranhão, always were realized in the barroco civilization prospect.

Keywords: Festival, State, Religion, Brazil, Maranhão.

1 INTRODUÇÃO

Durkheim (1989) em sua obra clássica sobre a vida religiosa discute a importância do elemento recreativo e estético na religião (1989: 452) e mostra (456), a interrelação entre cerimônia religiosa e a idéia de festa, pela aproximação entre os indivíduos, pelo estado de “efervescência” coletiva que propicia e pela possibilidade de transgressão às normas. A relação estreita entre religião e festas foi apontada por Durkheim, para quem (1989: 372), “nos dias de festa, a vida religiosa atinge grau de excepcional intensidade”. Durkheim (1989: 372/373) referindo-se ao descanso religioso lembra que “o caráter distintivo dos dias de festa corresponde, em todas as religiões

* Antropólogo. Professor Associado da Universidade Federal do Maranhão-UFMA.

conhecidas à pausa no trabalho, suspensão da vida pública e privada a medida que estas não apresentam objetivo religioso". Para Durkheim, as festas surgiram pela necessidade de separar no tempo, "dias ou períodos determinados dos quais todas as ocupações profanas sejam eliminadas" (Id. Ib.373). Adiante afirma: "O que constitui essencialmente o culto é o ciclo das festas que voltam regularmente.(Id.Ib. 419).

Durkheim salienta também (1989: 452), a importância dos elementos recreativos e estéticos para a religião, comparando-os a representações dramáticas e mostrando (1989: 453), que as vezes é difícil assinalar com precisão as fronteiras entre rito religioso e divertimento público. Segundo Durkheim (1989: 456),

a própria idéia de cerimônia religiosa de alguma importância, desperta naturalmente a idéia de festa. Inversamente, toda festa ..., apresenta determinadas características de cerimônia religiosa, pois em todos os casos, tem como efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar assim um estado de efervescência, as vezes até de delírio que não deixa de ter parentesco com o estado religioso. O homem é transportado para fora de si mesmo, distraído de suas ocupações e de suas preocupações ordinárias. Assim, de ambas as partes observam-se as mesmas manifestações: gritos, cantos, musica, movimentos violentos, danças, procura de excitantes que restaurem o nível vital, etc. Observou-se muitas vezes que as festas populares levam a excessos, fazem perder de vista o limite que separa o lícito do ilícito, o mesmo se dá com as cerimônias religiosas que determinam uma necessidade de violar as regras normalmente mais respeitadas.

Constatamos que para Durkheim religião e festas constituem fatores intimamente relacionados. A idéia de cerimônia religiosa e a idéia de festa estão interrelacionadas. Durkheim também chama atenção para a importância do estudo dos rituais e inclui o estudo das festas religiosas entre os ritos representativos ou comemorativos. Depois de Durkheim muitos cientistas sociais têm estudado a importância das festas para entender a realidade social.

2 IMPORTÂNCIA DAS FESTAS BARROCAS

Embora autores clássicos e contemporâneos nas Ciências Sociais escrevam sobre a importância dos estudos sobre a religião e festas populares, o tema não costuma ser considerado prioritário, especialmente em regiões sub-desenvolvidas como o Norte e o Nordeste do Brasil onde, diante da escassez de recursos disponíveis, há inúmeros outros problemas considerados mais urgentes para serem estudados. Rituais, religiosidade e festas parecem a muitos um tema menor. O povo, entretanto, não pensa assim e considera religião e festas, tema fundamental na sua vida diária, como se pode constatar na realidade cotidiana destas populações. No Maranhão, religião e festas constituem desde o passado e até hoje um assunto essencial na vida diária que é interrompida muitas vezes ao longo do

ano, pela organização ou a participação em diversas festas, que assinalam a quebra periódica da rotina. Convém frisar, entretanto que para as pessoas que as organizam, as festas não constituem apenas momentos de lazer, mas sobretudo de trabalho que é intenso e prazeroso, no seu preparo e realização.

Certas festas realizadas no Brasil no período colonial foram excepcionalmente famosas. Priori (1994: 129-134) apresenta inúmeras referências sobre festas nos séculos XVII, XVIII e inícios do XIX, em Portugal e em diversas províncias do Brasil comentando que nesta época:

Festas organizavam-se em torno das 'Entradas', acolhidas solenes reservadas desde a Idade Média a soberanos, bispos e autoridades. Públicas estas cerimônias revestiam-se de importância crescente a partir do século XVI nos rituais de corte europeus e se faziam marcar por novidades a cada nova reunião festiva ... elas serviam à cristalização de idéias absolutistas, por meio da aclamação dos oficiais mais próximos do poder. (Priori, 1994: 14)

Entre as festas famosas destacam-se em Minas Gerais, no século XVIII, as festas de 1733 que assinalaram a inauguração da nova matriz de Nossa Senhora do Pilar no bairro de Ouro Preto em Vila Rica. Foram descritas por Simão Ferreira Machado em livro publicado em Lisboa em 1734, denominado "Triunfo Eucarístico" (Ávila, 1967). Nele é feita descrição pormenorizada desta festa barroca com alegorias, danças, músicas, recursos cenográficos, jogos, poesia, produtos de luxo, ouro e diamantes, cuja leitura empalidece os atuais desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro.

Essa crônica é considerada, por Affonso Ávila (1967: 11), como primeiro documento de interesse literário sobre o estilo barroco na sociedade mineradora no Brasil do século XVIII. Ávila (1967: 11-23) diz que Triunfo Eucarístico foi o cortejo que providenciou, com grande solenidade, a transferência da Eucaristia e assinalou a inauguração da Igreja de N. Sra. do Pilar, em Vila Rica, no ano de 1734.

Ainda em Minas, em 1748 na nova Diocese de Mariana houve grandes festas com a posse do seu primeiro bispo Dom Frei Manuel da Cruz, que durante mais de um ano viajou por terra de seu antigo posto em São Luís do Maranhão até sua nova Diocese. Em 1749 foi editado em Lisboa livro de autor anônimo "Áureo Trono Episcopal" (Ávila, 1967), que descreve as festas. A obra narra a longa viagem terrestre do bispo, o espetáculo das ruas com procissões, desfiles alegóricos, jogos de iluminação, missas solenes, encenações teatrais e diversos festivais de poesia e oratória em que se lamenta a pena do Maranhão e a alegria de Mariana pela vinda do novo bispo.

Íris Kantor (2001: 169-180) analisa formas de manipulação do cerimonial episcopal em Minas Gerais em meados do séc XVIII mostrando que "os diferentes rituais da vida pública ajudavam a formalizar os poderes instituídos, transformando-se num recurso de

enraizamento da ordem jurídica metropolitana naquele meio” (2001, p. 169/170). Kantor comentando o significado da entrada em suas dioceses dos bispos a cavalo sob o pátio, mostra que as recepções públicas e posse nas dioceses deveriam receber cuidados máximos das autoridades e da população, uma vez que a colonização dependia em grande parte do braço eclesiástico. Comentando o panegírico das festividades denominado *Áureo Trono Episcopal*, refere-se ao rigorismo excessivo das cerimônias e afirma que “salta aos olhos a necessidade de afirmação dos grupos locais diante da Coroa e do bispo recém-empossado” (Id. 177). Kantor informa que:

... por debaixo do brilho da festa, sabe-se que não foi menor a resistência que estes ofereceram ao exercício da autoridade do novo bispo desde os primeiros momentos da sua gestão. O próprio editor do panegírico e financiador do evento, o Padre Francisco Ribeiro da Silva - chegou a ser expulso do cabido diocesano dois anos após a posse. E não deixou por menos, processou o bispo pelo não pagamento das despesas com a instalação e acomodação da comitiva do bispo. Um processo que correu todas as instâncias dos tribunais seculares durante dezessete anos. Desde os primeiros momentos o bispo encontrou dificuldades de toda ordem, cabido rebelde, confronto freqüente com os vereadores dos senados e câmara de Mariana e disputas acérrimas com a ouvidoria. (Id. Ib. 178)

Kantor (2001: 179) conclui que nas práticas festivas barrocas “as etiquetas serviam de instrumentos importantes para a fixação das hierarquias sociais”. Acostumado a conviver com a arte barroca que decora as igrejas coloniais e com os cânticos religiosos aprendidos com os missionários na colônia e preservados até hoje em muitas regiões, o brasileiro trouxe para as festas populares a alegria da arte barroca. Muitas imagens de santos de igrejas brasileiras lembram figuras atuais dos desfiles das escolas de samba, como sugerem ilustrações do catálogo “O Universo Mágico do Barroco Brasileiro” (Araújo, 1998: 138-139).

Maria Lúcia Montes (In Araújo, 1998: 363-383) analisa da Festa do Triunfo Eucarístico, realizada em Vila Rica, Minas Gerais, em 1734, a partir da crônica de Simão Ferreira Machado, comparando sua descrição, com as apresentações pela mídia, dos desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro. Considera que a riqueza da festa colonial brasileira assinala uma visão da história religiosa e social. Nessa perspectiva, (Montes, 1998: 372) indaga se as festas seriam um instrumento de integração, de controle social dos subalternos pelo Estado que as promove e regula ou um ritual de inversão e de resistência, quando os oprimidos podiam exercitar sua identidade e cultura. Quase ao término de sua análise, Maria Lúcia Montes (1998: 382) considera que:

Entretanto é através da permanência do espírito e da cultura da festa, hoje confinados ao mundo das formas populares em quase todo o Brasil, que se poderiam entender talvez algumas das características mais significativas de nossa sociedade e dos valores de nossa cultura.

Outra festa famosa foi realizada em dezembro de 1762 na Vila de Santo Amaro, na Bahia, em comemoração ao casamento de Dona Maria I de Portugal com o seu tio, Infante Dom Pedro. O texto de Francisco Calmon (1982), a “Relação das Faustíssimas Festas”, editado em Lisboa em 1762 é considerado um dos primeiros documentos sobre costumes folclóricos brasileiros, descrevendo diversas danças e jogos realizados pelas corporações de ofícios e representação de comédia e ópera.

Concordamos com Maria Lúcia Montes e outros estudiosos que consideram as festas populares no Brasil uma continuidade da civilização barroca, que deixou marcas tão profundas entre nós. É importante destacar, entretanto, que o barroco alegre e carnavalesco das cidades e das igrejas no Brasil é bastante diferente do barroco marmóreo e frio das igrejas européias.

3 FESTAS NO MARANHÃO DO PASSADO

Segundo é do nosso conhecimento, as festas realizadas no passado no Maranhão não tiveram tanto brilho e repercussão como as anteriormente comentadas. Revendo publicações sobre a história do Maranhão encontramos, entretanto referências a algumas festas oficiais com participação do povo, realizadas nos séculos XVII, XVIII e XIX. Entre as mais importantes destacamos as de recepção de bispos Diocesanos, que João Lisboa (1976: 573) considera como das mais pomposas que se faziam.

Ribeiro do Amaral (1923) dá especial destaque à entrada de São Luís de três deles: Dom Gregório dos Anjos, em 1678; Dom Frei Francisco de São Thiago, em 1747 e Dom Frei Antônio de Padua e Bellas, em 1784. Dom Gregório dos Anjos, doutor em teologia, foi o primeiro bispo que teve o Maranhão. Sobre sua recepção na Diocese em 1678, informa Ribeiro do Amaral (1923: 33-34):

É deveras , curiosa e singular e por isso, digna de se ler, porque pinta bem ao vivo os usos e costumes daquela época, a descrição que, da sua entrada na cathedral, nos deixou o padre João Felipe Bettendorf, testemunha e parte ao mesmo tempo naquellas cerimonias, na sua ‘Chronica da Missão dos Padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão’. Depois de descrever a sua chegada ao Maranhão diz este insigne jesuita: ‘Deteve-se uns dias em Santo Antonio e, chegada a vespera de sua entrada, mandei-lhe vir da roça um bello e manso cavallo com sua sella, e todo o mais aviamento novo e mui decente; mandei-lhe mais levantar um bello arco triumphal, em o meio do caminho, diante da igreja do Collegio de N. S. da Luz, bem ornado, e enriquecido com uns vinte emblemas pintados e descritos por minha mão, em o qual se decifravam e descreviam em verso heróico, todos os modos de pescar homens ou almas ao Senhor, pelo pregão evangelico pertencendo ao cargo de bispo: representou-se em a rua , foi-se-lhe representar em a Sé da cidade, com grande gosto e aplauso de todos. Em o dia de sua entrada foi Sua Illustríssima á Nossa Senhora do Desterro, acompanhado de muitas canôas, entre as quaes, a nossa, de Santo Ignacio; era como a capitânea, por ser a maior e mais perfeita. Lá se revestiu de pontifical, com a sua mitra á cabeça, montou a cavallo, servindo-lhe o irmão Manoel Rodrigues, como de estribeiro-mór, por aquella

vez; foi cavalgando pelas ruas todas enramadas e parando pelos cantos dellas, onde encontrava uns arcos triumphaes bem feitos e adornados, junto aos quaes o recebiam os moradores com suas musicas dos religiosos de N. S. das Mercez, e uma prática, dita por um dos magnatas de maior habilidade, com bizzaria e graça, acompanhada de vivas e applausos do povo todo. Foi continuando desta sorte seu caminho até chegar ao arco do Collegio de N. S. da Luz, á vista do qual ficou todo pasmado, e deteve-se para ouvir uma comediasinha, que se lhe ia representando; mas, como vinha, chovendo sobre os ornamentos pontificaes, foram á matriz e lá se representou com agrado de todos. Ao cabo de tudo, deu a benção e se retirou para as casas de Manoel Valdez, onde teve varias representações de encamisados a cavallo, dansas e outros generos de demonstrações de festas e alegria uns oito e mais dias"

Em 1747, chega ao Maranhão o novo bispo dom frei Francisco de São Thiago. Sob sua recepção diz Ribeiro do Amaral (1923: 41):

É, deveras , apreciável a descripção que encontrámos de sua entrada na cathedral: 'a 14 de referido mez, dia de S. Boaventura, fez a sua entrada solemne, para a qual se preparou, defronte da casa do capitão-mór Domingos Duarte Sardinha, um *saccello*, ricamente ajaezado, onde o esperou o cabido, todo o clero secular e regular, o governador e capitão-geral Francisco Pedro de Mendonça Gurjão, que havia chegado na mesma frota com elle, e também o senado da camara, com toda a nobreza, povo e tropa de infantaria. Ao approximar-se o bispo, um dos vereadores o saudou por um discurso, e depois tocou uma banda de musica. Revestido de pluvial e mais vestimentas pontificaes, montou a cavallo, pegando-lhe na estribeira o mesmo capitão-general, e assim prosseguiu até chegar á cathedral, onde foi recebido com todas as honras, inherentes ao seu alto cargo'. Depois de sua posse...

Sobre a chegada em 1784 do bispo dom frei Antonio de Padua e Bellas, informa o mesmo autor (Amaral, 1923: 53-54):

É assás interessante e digna de ser apreciada a descripção que, da sua entrada solemne, nos deixaram as memorias do tempo: 'Desembarcou entre repetidos tiros de artilharia do baluarte e dos navios que se achavam ancorados no porto, e que não cessaram enquanto não chegou elle ao convento dos capuchos (Santo Antonio), para onde pessoalmente o conduziu o governador em uma das suas carruagens, mandando pôr á sua disposição as duas que tinha, junto á alfandega. Allí, (no convento de Santo Antonio), descançou o bispo até domingo, 31 do mesmo mez, em que fez a sua entrada solemne, indo esperal-o á porta principal da cidade, para o acompanhar, o governador, a camara, a nobreza e o povo' - Esta porta principal era representada por um arco, no canto da rua do Sol ... no ponto em que é ella cortada pela de S. João; arco feito a expensas do senado da camara, e de tal forma, que nelle se via competir 'a pompa da riqueza com a magnificencia da architectura'. Debaixo do arco estava o *sacéllo*, perfeitamente ornado. Chegando ahi o bispo, montado em um soberbo cavallo, foi imediatamente saudado, por meio de uma *oração gratulatoria*, pelo sargento-mór Ricardo Antonio da Silva. Revestiu-se ahi, montou outro cavallo ricamente ajaezado, e, quando estava a seguir o prestito, desejando o governador destruir-lhe as prevenções, como confessou, pegou nas rédeas do animal em que vinha montado dom frei Antonio de Padua, e assim o acompanhou até á cathedral. Seguravam os estribos os ajudantes d'ordens do governador. Assim, tão cercado de attenções e de festas, desceu elle, debaixo do pallio a rua do Sol, ao som dos canticos dos sacerdotes, que entoavam o *Ecce sacerdos magnus*. Nessa mesma rua, havia dois outros arcos mais; - um feito a expensas dos commerciantes, e outro á dos artistas. As janellas e as portas estavam escondidas debaixo dos muitos enfeites. A rua cobriu-se de murta e de flôres em abundancia. Apeando-se perto da porta principal da sé, foi conduzido ainda debaixo de pallio até o presbyterio da cathedral. Por ordem da camara a cidade illuminou-se por três noites. Foi seu governo dos mais agitados - dissemos. E de facto, decorridos não muitos dias, começaram as intrigas e, consequentemente, as luctas entre o bispo, o governador e o ouvidor.

No século XIX, a referência que localizamos como recepção solene foi por ocasião da chegada de Bispo é monge beneditino bahiano Dom Frei Luís da Conceição Saraiva, que chegou ao Maranhão em 1862, de quem, Condurú Pacheco (1969: 284- 285) baseado em autores do século XIX, afirma:

fez a sua entrada solemne e tomou posse da sua Diocese, no meio do júbilo dos seus sentimentos. - Arcos triumphaes, innumeras bandeiras éráo demonstrações do grande regozijo e da pomposa recepção. Da rampa seguiu até à Sé debaixo do pallio conduzido pelos Exmo. Prste. da Província, pelo Chefe de Polícia e pelos Vereadores. No largo do Carmo, por onde subiram, recebeu o Sr. Bispo a continência do 5ª B.I. e da Polícia, seguindo para a Cathedral, para o Te Deum de ação de graças - Não há memória de algum Bispo haver sido recebido com maior brilhantismo.

Verificamos por estes documentos que, apesar dos conflitos que foram comuns entre o poder civil e o eclesiástico do séc XVII ao XIX no Maranhão, os senhores bispos eram recebidos com grande pompa e festas, como reflexo das relações estreitas vigentes entre a igreja e o Estado. Vimos que no passado alguns bispos eram conduzidos a cavalo pelas mãos do Governador, sob arcos de triunfos, ouvindo discursos e representações teatrais. Através da História da Igreja podemos conhecer estes e outros elementos interessantes sobre a Igreja e a Província do Maranhão.

Em nota comentando festividades públicas, costumes e assuntos diversos do Maranhão no passado, encontramos as seguintes e curiosas anotações em trabalho de João Lisboa (1976: 572):

Em 1704, termo de vereação em que se delibera mandar notificar para acompanharem a procissão de *Corpus-Christi*, os mercadores com a figura de el-rei David e duas tourinhas; os ferreiros, com S. Jorge; os sapateiros com o drago; os alfaiates com a serpente; os juizes dos diversos officios com suas respectivas bandeiras; os pescadores e arrais das redes para darem suas danças, e os moradores em geral para varrerem suas testadas. E que não sejam coisas ridículas. Os que faltarem, ou se apresentarem com ridicularias, pena de seis mil réis. Em vereação de 21 de julho de 1754, resolve a câmara que pois José Gomes, mister do povo, teimava em não comparecer e acompanhar a mesma câmara nas festividades, seja metido na enxovia, com ferros por dois meses, sofrendo a mesma pena os officias da câmara negligentes na execução das festas. De outros apontamentos que temos extraídos já de inéditos, já de impressos, resulta que além da procissão de *Corpus-Christi*, a câmara tinha de uso fazer celebrar quatro festas anuais, a saber a de S. Sebastião em janeiro, a do anjo Custódio em julho, a de Senhora Vitória em novembro, e a da restauração de D. João IV, chamada especialmente de el-rei, em dezembro. Consistiam elas ordinariamente em missa cantada e sermão. De um officio de 21 de janeiro de 1777 do governador Joaquim de Melo e Póvoas consta que ainda nesse ano fez ele celebrar a de S. Sebastião com parada de tropa e salvas. Na procissão de *Corpus-Christi*, a câmara pagava as vezes os ciganos para acompanharem travando diversas danças. Estas eram as únicas festividades públicas e regulares que temos encontrado notícia; outras porém havia devidas ou aos estilos da igreja e à devoção dos fiéis, ou a casos extraordinários. Era de uso, por exemplo, deixar em testamento tantos autos ou comédias a este ou aquele santo, como hoje se mandam dizer ou cantar missas. Esses autos representavam-se no adro, ou ainda no interior das igrejas. ... Uma das festas mais pomposas era a que se fazia na entrada solene dos bispos.

As comemorações da procissão de Corpus Christi continuaram com grande solenidade no Maranhão. A Câmara da Capital e de diversas comarcas do Maranhão durante o século XIX destinam importâncias para despesas com o Te Deum Louvamus e a procissão de Corpus Christi. Verificamos que desde passado remoto, entradas episcopais, procissões e festas de santo eram momentos de repercussão na vida social do Maranhão, deixando lembranças na memória coletiva, que ressurgem hoje em dia na importância das festas na religião e na cultura popular.

4 CONCLUSÃO

A documentação disponível sobre festas religiosas e populares do passado, no Brasil e no Maranhão, referem-se praticamente só a festas organizadas no âmbito do catolicismo, que era a religião oficial. Outras festas populares quase não foram documentadas. Consideramos que muitas festas religiosas e populares realizadas hoje no Maranhão como o Carnaval, a Festa do Divino e o festival do Bumba-Meu-Boi podem ser vistas como uma continuidade das festas barrocas que eram realizadas no período colonial. Nelas podem ser identificadas características simbólicas dos rituais de inversão¹ através de um catolicismo que domina triunfante, paralelo à religiosidade popular que resiste, utilizando, estrategicamente, a impressão de se mostrar dominado e subalterno. A ambigüidade dessas relações contraditórias faz com que o observador apressado enxergue nessas festas apenas uma das suas dimensões manifestas - o triunfo do catolicismo se sobrepondo à dominação das religiosidade popular.

Uma análise mais detalhada, a ser feita em outra oportunidade mostra, entretanto, a força de outras religiões como as de origens africanas, como o tambor de mina do Maranhão, que traz o catolicismo popular para dentro do terreiro e o canaliza oferecendo festas a entidades sobrenaturais (vodum, orixá ou caboclo), que têm devoção aos santos e apreciam as manifestações populares como a festa do Divino Espírito Santo, fato que passa despercebido aos observadores externos menos avisados.

Atualmente o Estado regulamenta desfiles e festas de carnaval, de bumba-meu-boi, patrocina a realização de festas religiosas populares, como a Festa do Divino, providencia o registro de bens da cultura imaterial como a dança do Tambor de Crioula, o Bumba-meu-Boi e outras manifestações como uma forma de apoio à cultura popular. Em

¹Como analisa Victor Turner (1969).

geral estas festas realizadas com participação popular e apoio de entidades públicas visam entre outros fatores, desenvolver o turismo, estimular as manifestações culturais ou conseguir votos.

A nosso ver as festas religiosas e populares no Brasil e no Maranhão continuam conservando características da civilização barroca, com desfiles, alegorias, danças, músicas, recursos cenográficos, jogos, poesia, produtos de luxo, em que “etiquetas servem de instrumentos para a fixação das hierarquias sociais”. Parece-nos também que estas festas constituem um fator “de integração, de controle social dos subalternos pelo Estado que as promove e regula”, funcionando também como “um ritual de inversão e de resistência, quando os oprimidos podem exercitar sua identidade e cultura”.

REFERÊNCIAS

AMARAL, J. Ribeiro. **Ephemérides maranhenses**. Datas e factos mais notaveis da História do Maranhão. 1ª Parte: Tempos Coloniais (1499-1823) - Para comemorar o centenário da adesão do Maranhão à causa da Independência. Maranhão. Typogravura Teixeira, 1923.

ASSUNÇÃO, Mathias Röhrig. Cultura Popular e Sociedade Regional no Maranhão do século XIX. In: **Revista de Políticas Públicas**. UFMA/PPGPP, v. 3, n. ½, 1999, p. 29-65.

ÁVILA, Affonso. **Resíduos seiscentistas em Minas**. Textos do século do ouro e as projeções do mundo barroco. Belo Horizonte: Centro de Estudos Mineiros, 1967. 1º Vol.

CALMON, Francisco. **Relação das faustíssimas festas**. Reprodução fac-similar de 1762. Intr. e Notas de Oneyda Alvarenga. Rio de Janeiro; FUNARTE/INF, 1982.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.

KANTOR, Íris. Entradas episcopais na capitania de Minas Gerais (1743 e 1748): A transgressão formalizada. In: JANCSÓ I. e KANTOR, I. (Orgs) **Festa. cultura e sociabilidade na América portuguesa**. São Paulo: EDUSP/FAPESP/IMP. OFICIAL, 2001. P. 169-180.

LISBOA, João Francisco. **Crônica do Brasil colonial**. (Apostamentos para a História do Maranhão). Petrópolis, Vozes/ INL, 1976.

MEIRELES, Mário M. **História da Arquidiocese de São Luís do Maranhão**. São Luís, UFMA/ SIOGE, 1977.

MONTES, Maria Lúcia. Entre a vida comum e a arte: a festa barroca. In: ARAÚJO, Emanuel (Curador). **O universo mágico do barroco brasileiro**. São Paulo: SESI, 1988, p. 363-383.

PACHECO, Dom Felipe Condurú. **História eclesiástica do Maranhão**. São Luís, SENECDAC, 1969.

PRIORI, Mary Del. **Festas e utopias no Brasil Colonial**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

TINHORÃO, José Ramos. **As festas no Brasil colonial**. Rio de Janeiro: Ed. 34. 2000.

TURNER, Victor. **O Processo ritual**. Estrutura e Antiestrutura. Petrópolis: Vozes, 1969.